

Pedagogia da vida, vida da Pedagogia

Ligia Chiappini (Profa. Titular de Literatura Brasileira da Universidade Livre de Berlim)

A experiência da pobreza no nordeste brasileiro, na sua infância e juventude, fez o professor primário, Paulo Freire, identificar-se com “os oprimidos” e levou-o a enfrentar o desafio de inventar mais que um método de alfabetização, uma prática pedagógico-política contra a exploração, a discriminação e a exclusão. Pedagogia do oprimido, pedagogia da libertação, pedagogia da esperança, pedagogia do diálogo, são alguns dos nomes que ele foi encontrando para nomear sua proposta de “ação cultural liberadora”. Os nomes são óbvios e, talvez, por isso mesmo, de fácil repercussão. Paulo Freire sabia dessa obviedade e se dizia ele próprio, um pensador, divulgador e militante do óbvio. Mas essa pedagogia do óbvio nunca foi ingênua, pois é enfática em denunciar as mais diversas formas de dominação --inclusive aquela que se internaliza nos dominados-- e em propor ações para combatê-las, apoiada numa heterodoxa mistura de cristianismo e marxismo. Aí cabe tanto o reconhecimento realista da luta de classes e das barreiras que esta cria à convivência pacífica das pessoas neste mundo, quanto a afirmação do amor e da fé num outro mundo possível.

Essa experiência nordestina de Paulo Freire foi alargada para o âmbito nacional na década de 60, quando o seu assim chamado “método” foi sendo utilizado por diversos grupos de educadores dos círculos populares de cultura e foi sendo reinventado localmente, com maior ou menor criatividade e êxito, pelos que acreditavam no poder da educação para construir um Brasil menos injusto. Educador engajado na construção de uma democracia para além do meramente político e para além de um desenvolvimento centrado apenas no crescimento da economia, Paulo Freire soube identificar a riqueza da recriação coletiva de sua pedagogia e, no diálogo permanente com seus interlocutores, aproveitar as oportunidades de superação de sua prática e de seus escritos, abrindo-se a um processo também permanente de auto-crítica que o acompanharia até o fim.

A ditadura o fez sair do Brasil e exilar-se no Chile em 1964, mas, em vez de desanimá-lo, o exílio lhe trouxe novas oportunidades de aprender e de ensinar, a partir do conhecimento de outras lutas pela democratização e justiça social. Não apenas na América Latina, mas, a partir daí, nos Estados Unidos, Europa, Ásia e, sobretudo, África.

No Chile trabalhou até 1969, entre outras coisas, nos programas de alfabetização patrocinados pela Unesco. Daí sairia para os Estados Unidos, onde lecionou dez meses na famosa Universidade de Harvard. Finalmente, acabou optando por trabalhar no Conselho Mundial das Igrejas, em Genebra, onde ficou até 1980, quando de sua volta ao Brasil. O Conselho lhe proporcionou local, condições materiais e ambiente apropriado para trabalhar livremente nos seus projetos de formação, alfabetização e pós-alfabetização, principalmente pensados e incrementados com parceiros africanos. E deixou-lhe tempo para viajar, fazer conferências, e também de dialogar com educadores e militantes de movimentos sociais em toda a Europa.

Na Alemanha¹ sua trajetória começa em 1972, em Hamburgo a convite do amigo e colega Prof. Gottfried Hausmann. Nesse mesmo ano, 1972, surge nessa cidade, o primeiro Grupo Paulo Freire. No ano seguinte, a revista *Referente:Educação* dedica um número inteiro à pedagogia da libertação, merecendo sete reedições e servindo de referência bibliográfica central a quem trabalhava com educação popular. Ao grupo de Hamburgo, seguiram-se outros tantos, que não apenas discutiam idéias como também elaboravam projetos concretos de reformulação da educação no País. Da necessidade de intercambiar e coordenar o trabalho desenvolvido pelos diferentes grupos nasceria, em Munique, uma Associação de círculos de cultura no setor social, AGSpak. Cerca de 100 grupos articularam-se em torno dessa associação, que organizou seminários e publicou cerca de 20 livros sobre a teoria e a prática da educação pela e para a liberdade dentro e fora da Alemanha.²

¹ Ilse Schimpf-Herken, “Paulo Freire na Alemanha”, in: Chiappini, Ligia, Dimas, Antonio, Zilly, Berthold. *Brasil, país do passado?* São Paulo, Ed. Boitempo e Edusp, 2000. p. 312-320.

² Ilse Schimpf-Herken, na obra citada, p. 314, nos informa que coube a Birgit Wingenroth o papel de guardiã da memória desse movimento cultural e político. Ativa militante dessa associação, estabeleceu em sua casa, em Witzenhausen, o arquivo mais importante que documenta esse trabalho de adaptação das idéias freirianas aos mais diversos contextos, na Alemanha e na Europa, até 1985.

A partir daí faz-se necessária uma integração maior com experiências análogas dos grupos freirianos em outros lugares da Europa. Cria-se então, junto à Academia da juventude de Walberberg, perto de Colonia, a “Associação Européia para a Conscientização”. Outras organizações surgem logo depois, como a Universidade de Paz, na Bélgica e a INODEP, na França que, juntamente com a AGSpak de Munique promovem uma troca intensa de informações e materiais.

Na década de 90, com a unificação da Alemanha, que segundo Ilse Schimpf-Herken significou a „apropriação neocolonial da RDR”³, e com os cortes de verbas para educação, cultura e saúde, que se sucedem até hoje, arrefeceu o ímpeto dessa militância freiriana, mas em 1994 criou-se a Associação Paulo Freire, que reuniu novamente os simpatizantes e ativistas da pedagogia da esperança. Entre as suas principais atividades está a publicação regular da revista *Educação Libertadora*⁴ e o desenvolvimento de um trabalho de formação de educadores, por meio do que se chamou uma „pedagogia da memória”.⁵

Voltando ao Brasil, em 1980, Paulo foi um dos fundadores do PT e, em 1989 assumiu a secretaria de educação da Prefeitura de São Paulo, durante a gestão de Erundina. Sua atuação nessa secretaria demonstrou como, à medida que sua prática e sua formação teórica se aprofundava e diversificava, ele foi desenvolvendo ainda mais a capacidade de autocrítica, sendo freqüentemente mais aberto do que muitos de seus „seguidores” a uma utilização heterodoxa de seus próprios métodos e princípios. Como foi o caso do tema gerador, princípio que norteou a reorientação curricular pela via da interdisciplinaridade, desencadeada na sua gestão e tomado muitas vezes de modo excessivamente rígido, o que Paulo Freire soube criticar com afabilidade e firmeza em algumas reuniões de avaliação desse programa. Pois, como outros pesquisadores já sublinharam, ele estava sempre muito alerta para flagrar os efeitos perversos de alguns conceitos que cunhou como foi o caso também com o conceito de conscientização, que a certa altura resolveu não mais usar, porque se teria prestado a uma utilização distorcida, abstrata e conservadora, sobretudo nos Estados Unidos.

Apesar do desastre que representou para a cidade de São Paulo os 8 anos das gestões Maluf e Pita, a histórica experiência da secretaria municipal de educação sob a coordenação de Paulo Freire, na gestão da prefeita Erundina, não se perdeu. Muitas das conquistas dessa época continuaram e continuam a inspirar a prática de educadores dedicados e conscientes do seu papel pedagógico-político, não apenas aí, mas em todo o Brasil, por onde se espalhou.

Também fora do Brasil continua a repercutir e aprofundar-se o trabalho teórico e prático com a pedagogia freiriana, permanentemente atualizada e readequada às lutas concretas dos marginalizados da modernização e globalização excludentes. Os institutos e centros Paulo Freire no Brasil e no Mundo⁶, atuam cooperativamente no sentido de levar adiante as iniciativas dos círculos de cultura em todo o mundo, o que se potencializa e agiliza com os recursos atuais da internet. Estes permitem divulgar a obra de Paulo Freire e as experiências e projetos pós e ainda freirianos, locais e globais. A dimensão

³ Ilse Schimpf-Herken, ob. cit. p

⁴ Ilse Schimpf-Herken, ob. cit. p. 315.

⁵ No texto citado, Ilse S. Herken dá um depoimento muito interessante sobre esse trabalho com representantes da América Latina, África do Sul, Polônia e as duas Alemanhas, para escavar os silêncios e enfrentar as sequelas da ditadura nesses diferentes contextos. P. 318.

⁶ Na Alemanha há grupos estabelecidos em Berlim, Oldenburg e Munique. As principais atividades desses grupos, como das demais associações e institutos são, além dos Projetos de pesquisa, e da Produção de materiais didáticos, a Publicação de leitura especializada e a manutenção e alimentação de uma rede de informações entre faculdades e instituições pedagógicas na Alemanha e no estrangeiro, visando a cooperação em nível nacional e internacional, para fazer jus ao nome. A editora Paulo Freire, de Oldenburg, publica trabalhos científicos nas áreas de pedagogia, sociologia e trabalho social, publicações de preços mais acessíveis, pensadas para um público mais amplo. Além das publicações especializadas em diferentes áreas, destaca-se aí a revista „Educação Dialógica”.

Fora da Alemanha, podemos citar, entre outros: CAAP, Centro de animação para autogestão popular na Itália; SPE, Escola profissional do Emigrante na Suíça; CEDAL, Centro de estudos do desenvolvimento na América Latina; Suécia, CETAL, Centro de Estudo e Trabalho América Latina e FoNoLa-Sol, Associação para o intercâmbio popular entre os países nórdicos e latinoamericanos na França; IBIS, Contato dinamarquês Norte-Sul e ICEA- Associação Internacional de educação comunitária na Dinamarca; INODEP, Instituto ecomênico de desenvolvimento e educação de adultos, na França; IPF, Instituto Paulo Freire, em Portugal. Há ainda dois grupos que se criaram ainda em vida de Paulo Freire, o IDAC, nascido em Genebra, transferido para o Rio de Janeiro, mas com representantes na Suíça e o IDEA, Instituto para o Desenvolvimento da Educação de Adultos, criado pouco antes da morte de Paulo Freire e dirigido até o ano passado por Antonio Faúndez. Em 2006 IDEA fundiu-se à organização não governamental EDM, „Crianças do Mundo”, fundada em 1968, também sediada em Genebra. Cunhando a expressão „pedagogia do texto”, os pos-freirianos de IDEA retomam criticamente o “método Paulo Freire”, nem sempre com o devido crédito. Mas o curioso é que até isso pode ser interpretado como uma grande vitória na trajetória de Paulo Freire, pois a sua despersonalização só reforça a vitalidade da sua pedagogia.

globalizada do seu pensamento e prática chegou a ser vivenciada e teorizada por ele mesmo ainda em pleno exílio, quando reconheceu neste uma forma de se universalizar, vencendo o provincianismo e o nacionalismo tacanhos. Isso lhe permite estar presente hoje em muitos movimentos sociais progressistas, alguns dos quais se manifestam eloquentemente no âmbito do Fórum Social Mundial.

Os grupos europeus desenvolvem cada vez mais sua articulação com outros no Brasil e no mundo, sobretudo através do Instituto Paulo Freire, de São Paulo, cuja criação foi sugerida em vida por Paulo Freire. Em esses espaços reais e virtuais, impera a consciência de que ser fiel a Paulo é reinventá-lo por exigência da realidade, dos problemas a enfrentar e tentar resolver, juntamente com os movimentos sociais organizados, trabalhando com eles e não apenas para ou por ou sobre eles. Esse trabalho ajuda a desenvolver uma competência intercultural em várias áreas, da educação de adultos à teologia, do teatro à economia e até mesmo, à medicina. As questões da violência na escola e fora dela foram e são objeto desse pensamento-ação, procurando propor ações concretas para a melhora da vida de imigrantes, moradores de rua, desempregados, mas também buscando novas maneiras de conceber o desenvolvimento, pensado apenas como crescimento econômico dos mais fortes, para dar lugar ao desenvolvimento humano como um todo, onde o crescimento da economia não seja destruidor das pessoas e da natureza e onde a própria teoria do desenvolvimento seja tratada na sua dimensão cultural, tendo em vista o trabalho intercultural⁷ e a competência para a cooperação internacional na superação dos conflitos da era global.

As inúmeras publicações daí decorrentes deixam visível essa diversidade. Para terminar, gostaria de destacar uma entrevista com a Dra. Ulrike Keim, publicada na revista da *Cooperação Paulo Freire*, sob o título de „Paulo Freire e a medicina“. Nela a médica fala de sua opção por uma medicina dialógica, alternativa à medicina tradicional. Concebe o paciente como um parceiro, um agente, co-responsável pela gestão de sua saúde e faz desta e não da doença o objeto da prática médica.⁸ Nada mais oportuno numa sociedade em que os médicos estão cada vez mais burocratizados, pensando nos minutos que não querem perder com o paciente e atentos mais ao computador do que ao exame clínico do doente.

Paulo Freire, educador-educando, como costumava dizer, ensinou, escreveu e lutou contra uma pedagogia da passividade e da anulação do sujeito-cidadão. Trabalhando por uma educação humanizadora, defendeu e exerceu na teoria e na prática uma pedagogia apoiada na vida e respeitosa da vida. Por isso mesmo essa pedagogia, ainda vive, inspirando pessoas, grupos e instituições que teimam em trabalhar por um mundo mais justo, mais tolerante e menos violento.

⁷ Um bom exemplo de como essa temática é tratada nas publicações dos freirianos alemães é o artigo de Reinold E. Thiel, intitulado „Novas abordagens para as teorias do desenvolvimento“ (Neue Ansätze zur Entwicklungstheorie), publicado, reproduzido na página eletrônica da associação intitulada hoje Paulo Freire Kooperation, http://freire.de/zeitschrif/dir_3/index.php?src=zeitschfif/dir_3/file (consulta feita em 09.07.2007)

⁸http://freire.de/zeitschrif/dir_9/index.php?src=zeitschrif/dir_9/file (acesso em 09.07.07)